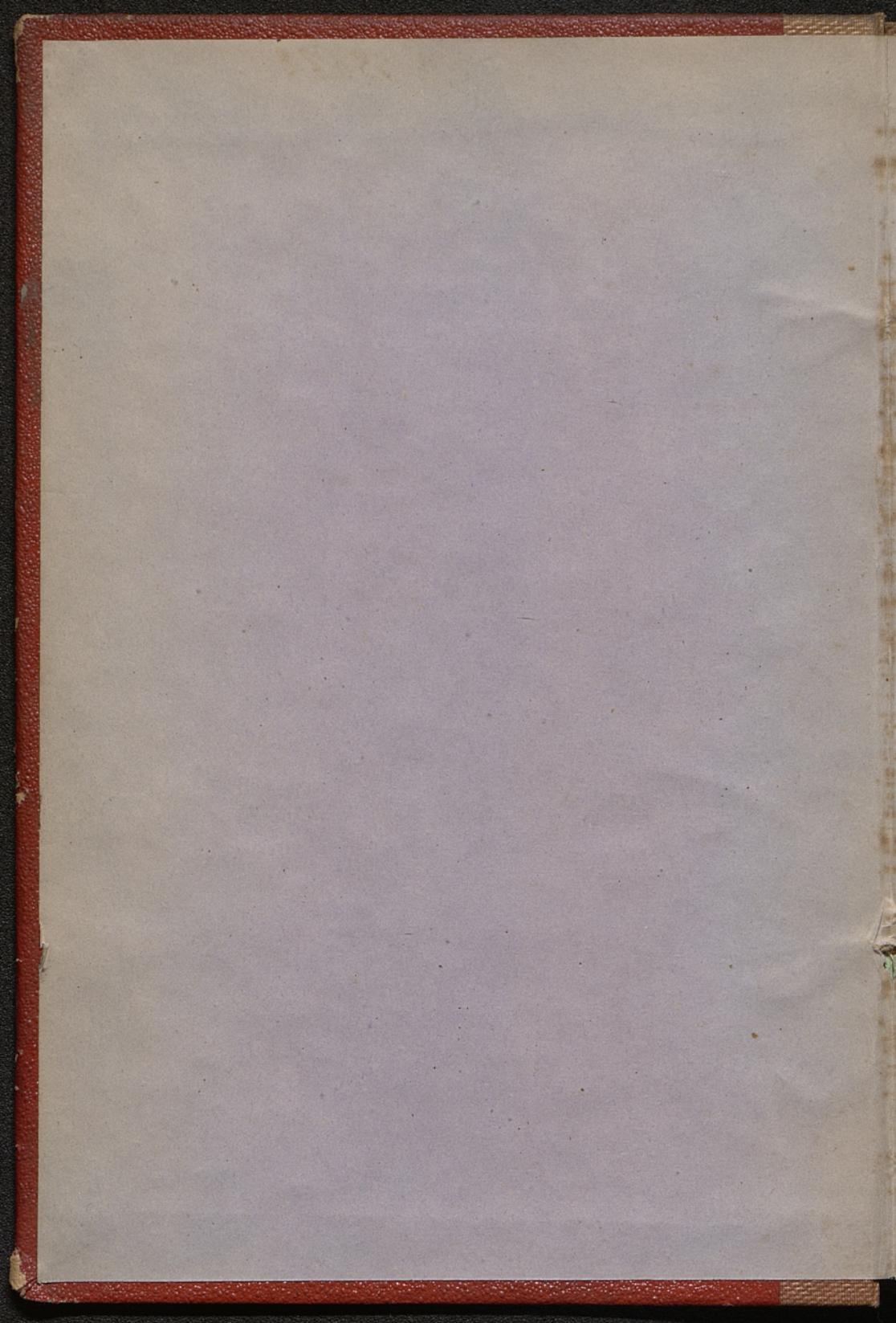




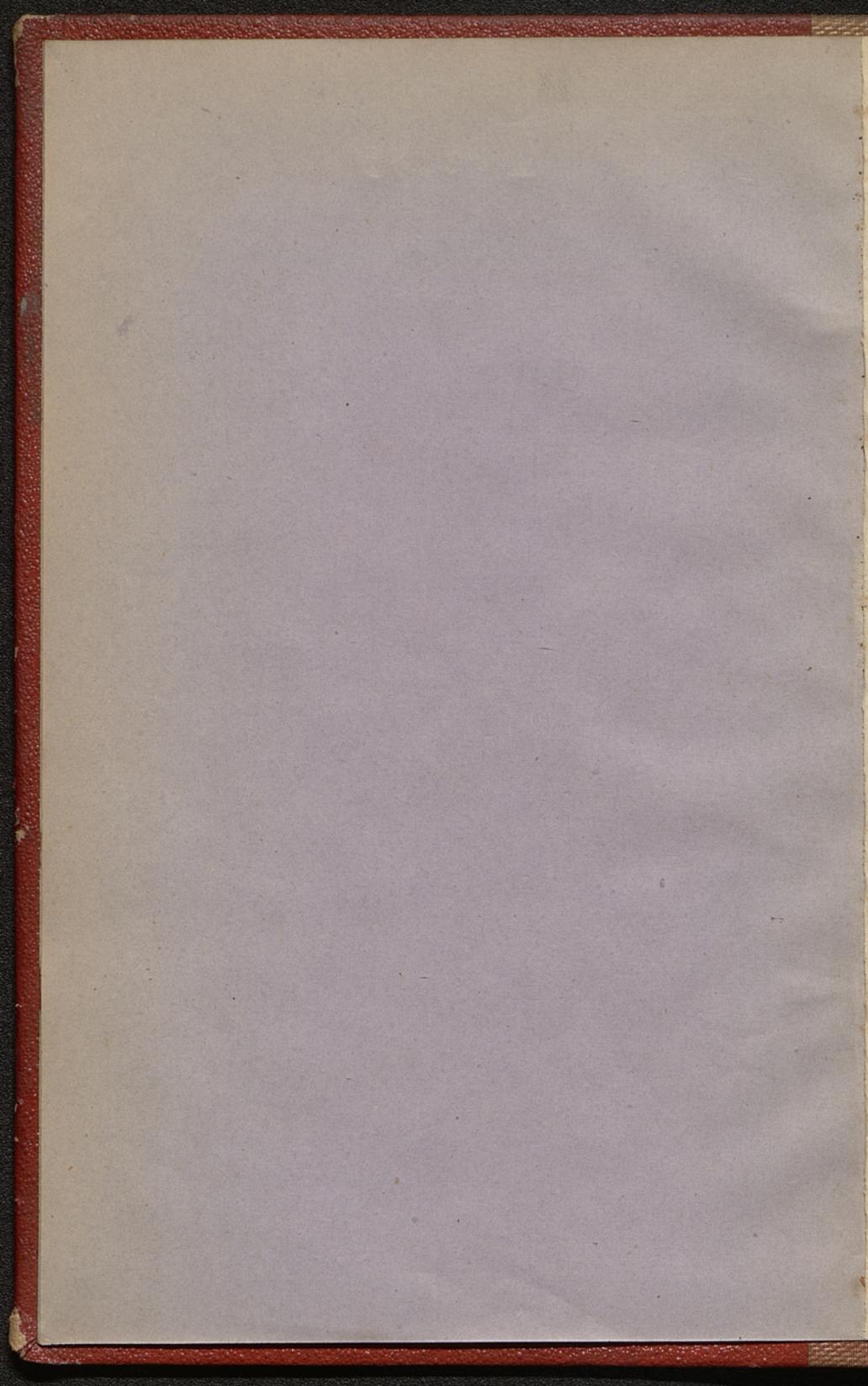
2

2



Δ 93682

Δ 93683



(P. 4)

A TRANSVIADA

POESIA DO CONSELHEIRO

Dr. João Capistrano Bandeira de Mello



RIO DE JANEIRO

Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artístico

61 — RUA D'AJUDA, FLORESTA — 61

1878

A TRANSVIADA

POTRIA DO CONSELHEIRO

Dr. José Joaquim Pereira de Sá

RIO DE JANEIRO

Impressão e distribuição da Typographia Nacional

15 — rua S. Paulo, número — 41

1873

A TRANSVIADA

Na secção « Litteratura » abrimos hoje espaço a uma poesia, com este titulo, firmada por um proveccto cultor das musas, cujo nome poderíamos dispensar-nos de citar, porque o poetar do seu autor distingue-se do de muitos que por ahi andam colleccionando rimas.

O gracioso das imagens, a cadencia dos versos, o sublime da idéa, tudo revela na TRANSVIADA um encanto que indica que o Sr. conselheiro Bandeira de Mello poderia ser contemporaneo dos mais illustres vates portuguezes e brazileiros, se por ventura S. Ex. só e exclusivamente se occupasse em cultivar o seu estro tão profuso, tão terso e ao mesmo tempo tão mimoso.

Oxalá que tenhamos de saudar repetidas vezes os fructos do seu talento, cabendo-nos agradecer por esta occasião a preferencia que deu para a publicação deste seu trabalho ao « Diario da Tarde. »

DO « DIARIO DA TARDE. »

A TRANSVIADA



os dourados salões brilhava outr'ora
Em luxo e formosura a triste Alzira ;
Mas do destino seu ao fero aceno,
Avexa iniqua estrella
A miseranda amante.
Ha muito de carpir-se já cançada,
Da ingenita altivez ao vivo assomo,
Reergue os brios seus, e busca ao longe,
No regaço do olvído,
Suas mágoas delir, e o atroz cuidado.
Perlustra estranha plaga,
Mas da saudade em breve eil-a pungida,
E da tristeza langue no remanso,
Qual nevada açucena em campo esteril,
Desmaia ao sopro de anhelantes ventos.

Quando no gyro a noite em véos de lucto

Envolve a natureza,

Mais a constringe a solidão e a queixa.

Espavorida vê na dura insomnia,

Da mãe desamparada a dextra cara,

Palpando as trevas da deserta alcova,

Em affectuoso intento,

E á sombra que a fugir se lhe affigura,

Clama : “ possas saber, oh mãe querida,

Em que vales de dôr eu vago e peno! „

Em vão nos céos resôa o voto ardente

Da transviada moça.

De balde, ó céos ! mas tu, bondosa Isaura,

Nos carinhos irman, socia nas dores,

Tu, quedos brados seus sabes a angustia,

Do anhelos filial o empenho tomas,

E certa em tua fé te enarra Alzira,

Os desvarios seus, seus infortunios.

Após em fios redobrando o pranto,

Assim do peito o terno amôr exhala.

“ Oh cara Isaura, escuta os ais amargos,

De quem sempre te abriu d'alma os segredos,

Meus ais de que tu só te compadeces.

Esquecido da chamma que accendera

Com votos desleaes, oh ! sem remorsos,

O ingrato me repulsa,

E o que de mais me afflige, terna amiga,
Obriga-me a verter-lhe o amôr em odio !
Crês tu que eu de despresos seja digna ?

A que deserta praia escura sorte,
Por tremendos parceis, presa, me arrasta ! . . .
Eis subito emmudece, a dor lhe peja

A maviosa falla.

Como tudo, meu Deos, se presta ao fado !

Acaso aos olhos seus aurea moldura,

Que pendente decóra

O soturno aposento,

Nos polidos tremós espelha a effigie

Do formoso mancebo.

Entre o despeito e amor enleuada a mente,

Reminiscencia acérba

Os pezares no seio lhe alvoroa.

Pendente ao peito o pallido semblante,

Dissereis imitar marmórea estatua.

Alçando após a fronte, os olhos crava

Hirtos nos céos, e já desattentada,

Trepidos passos move

Ao camarim purpureo,

E nos molles coxins esmorecida,

Na cintura gentil, que fôra a inveja

De mil rivaes formosas,

Em ondas sólta as roçagantes vestes,

Branças nuvens que vellam graciosas

Os funestos encantos.

Da trança derramada em fios d'ouro,

Chovem-lhe ao seio os divinaes cabellos ;

Com a convulsa mão prende e desprende,

Absorta, o bracelete ao niveo pulso.

Quaes os intentos seus, Amor insano ?

Ao teu cruento mando eil-a curvada.

De teus males pedindo aos céos remate,

Os vãos do toucador sem tino escruta.

Mortifero licor que em ancias busca,

A's vistas desvairadas lhe resalta

Do precioso escritorio,

Onde outr'ora zelou queridas prendas,

E hoje da extincta chamma esconde as cinzas.

Sobre a taça lethal já volve a dextra,

E perplexa lhe roça os labios frios.

Ao luctuoso termo a morte sóffrega

A victima estimula.

Mas no instante fatal o assombro impelle

A desvellada Isaura.

Como um lirio a outro lirio, entrelaçada

Em apertado amplexo, aos seus queixumes

Mesclas teu pranto, generosa amiga,

E o nefasto cristal das mãos lhe arrancas.

Debalde ! Tu, que nunca encadeiada

Em seus ferros, á Amor votaste cultos,
Não n'ó conheces, quando em furias arde

No peito que delira.

Rogas, — rôgo que val, se amor promette

Em deleitoso sonho,

Volver ao brando jugo amante infido ?

Ai triste ! por seu damno a mágoa cresce,

E de novo lhe lavra o incendio as veias.

O mal vence a esperança !

No tórpor dos sentidos,

Qual nos céos se evanece a bruma espessa,

Fogem-lhe d'alma os turbidos disvellos ;

De tudo deslembada,

Vagam-lhe os olhos na extensão do espaço,

E em quanto as auras, a penar, aspira,

Tôrva insania e mudez os labios cerram

Da mallograda Alzira.

Em breve praso,

N'um ai supremo,

Do peito exhala

O alento extremo.

Entre os cyprestes,

Coche funereo

Trilha as areias

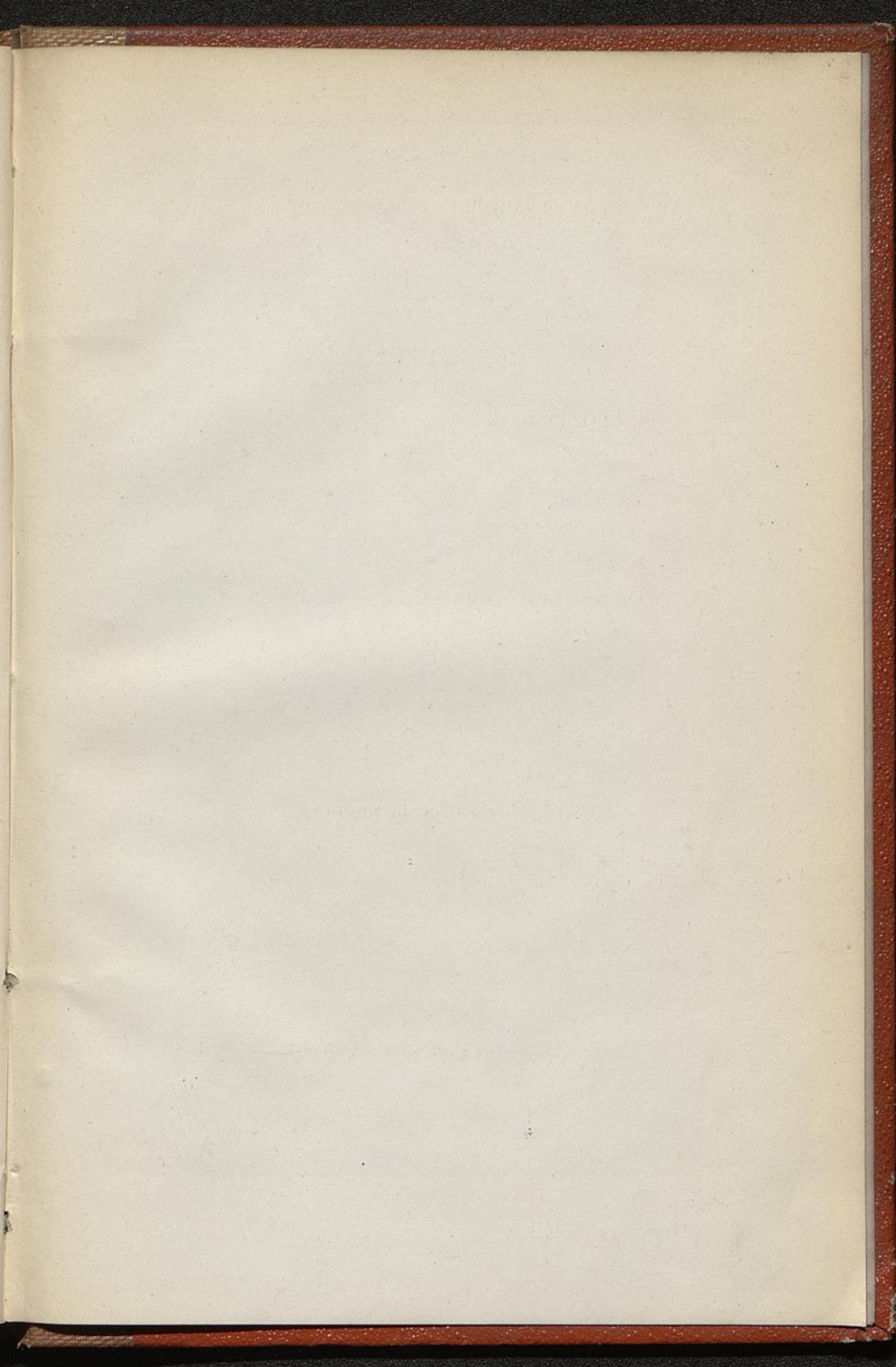
Do cemiterio.

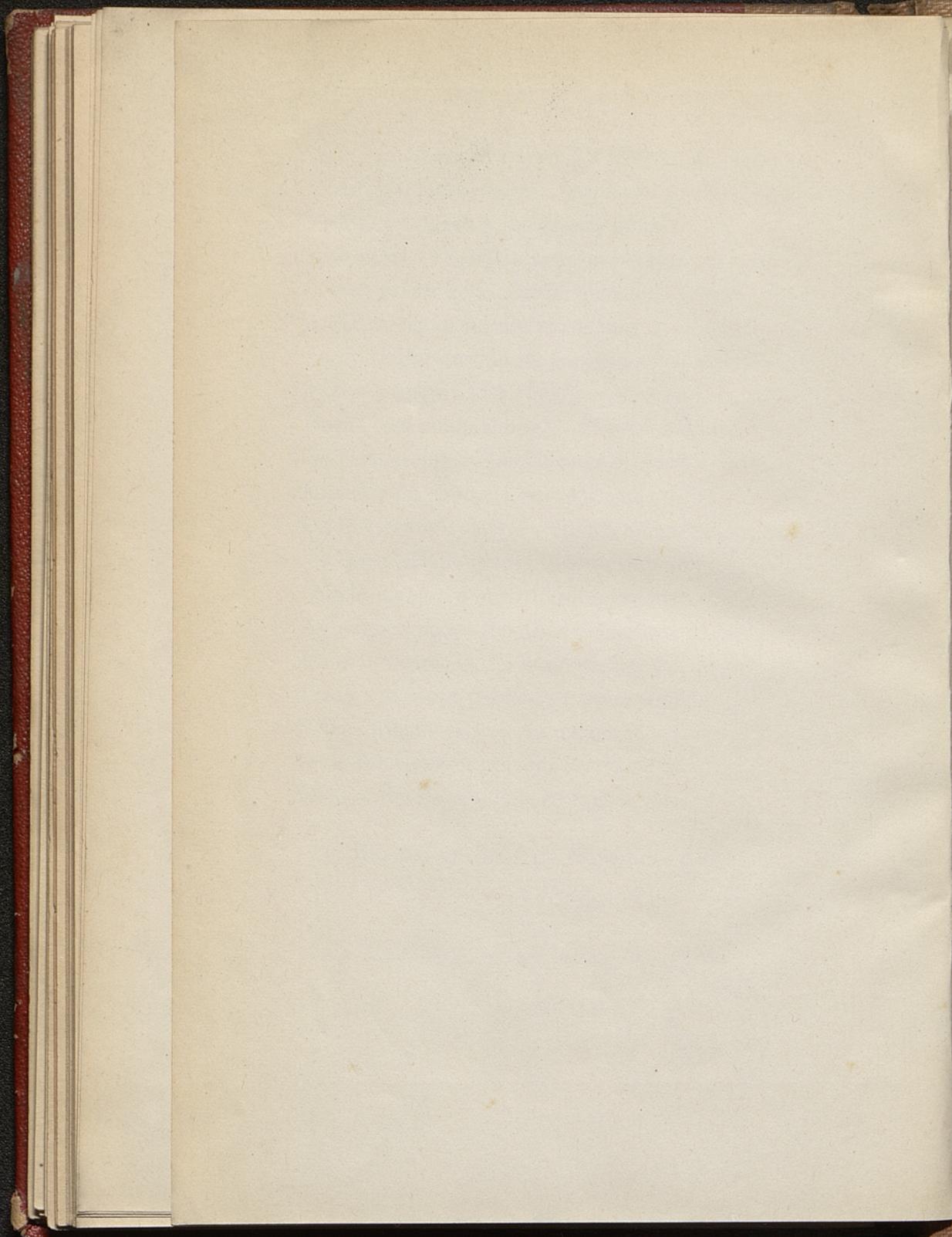
Leva os despojos

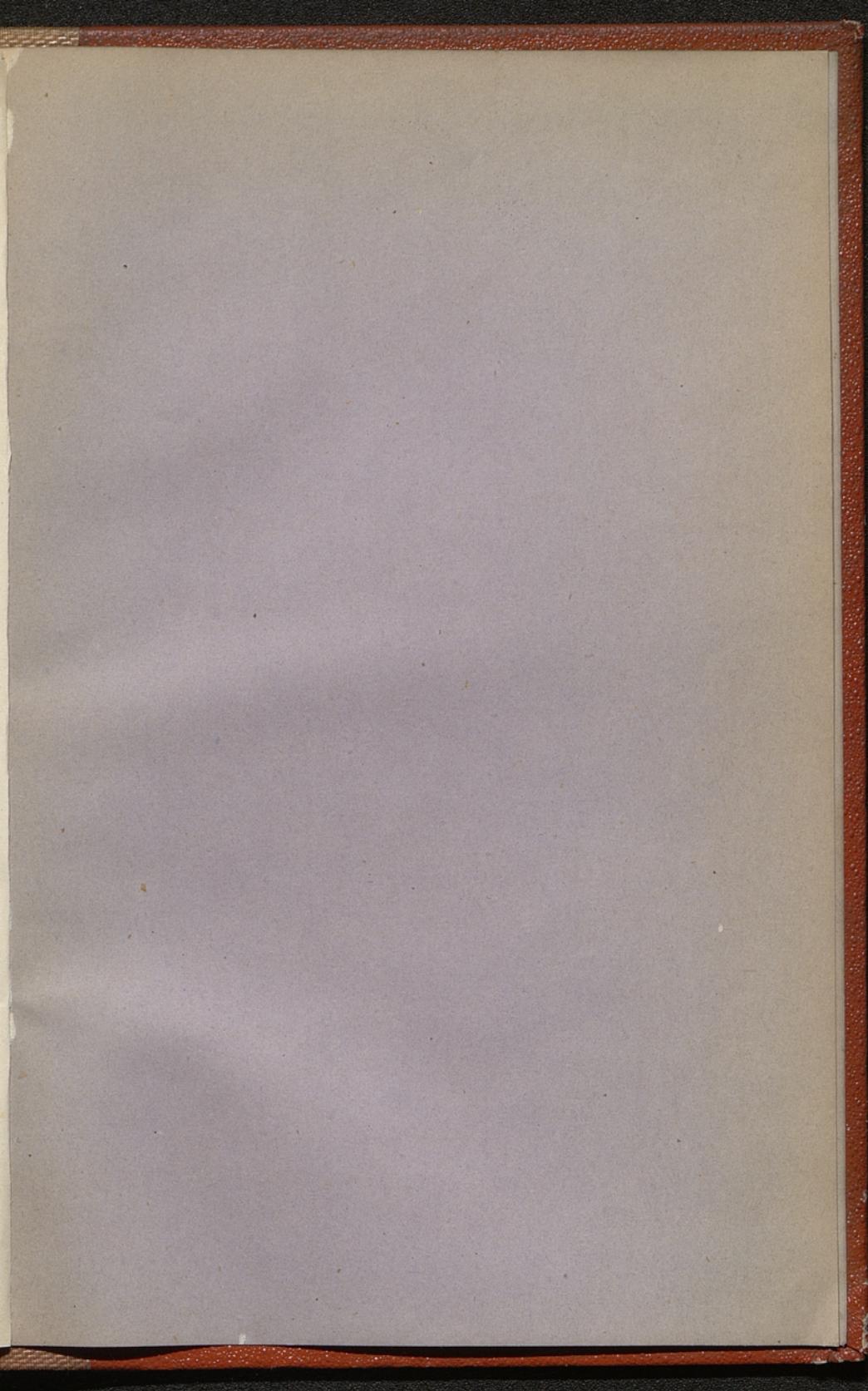
Da formosura
Ao frio sulco
Da sepultura.
A bella Alzira
Termina assim ;
Os céos quizeram
Tão triste fim.

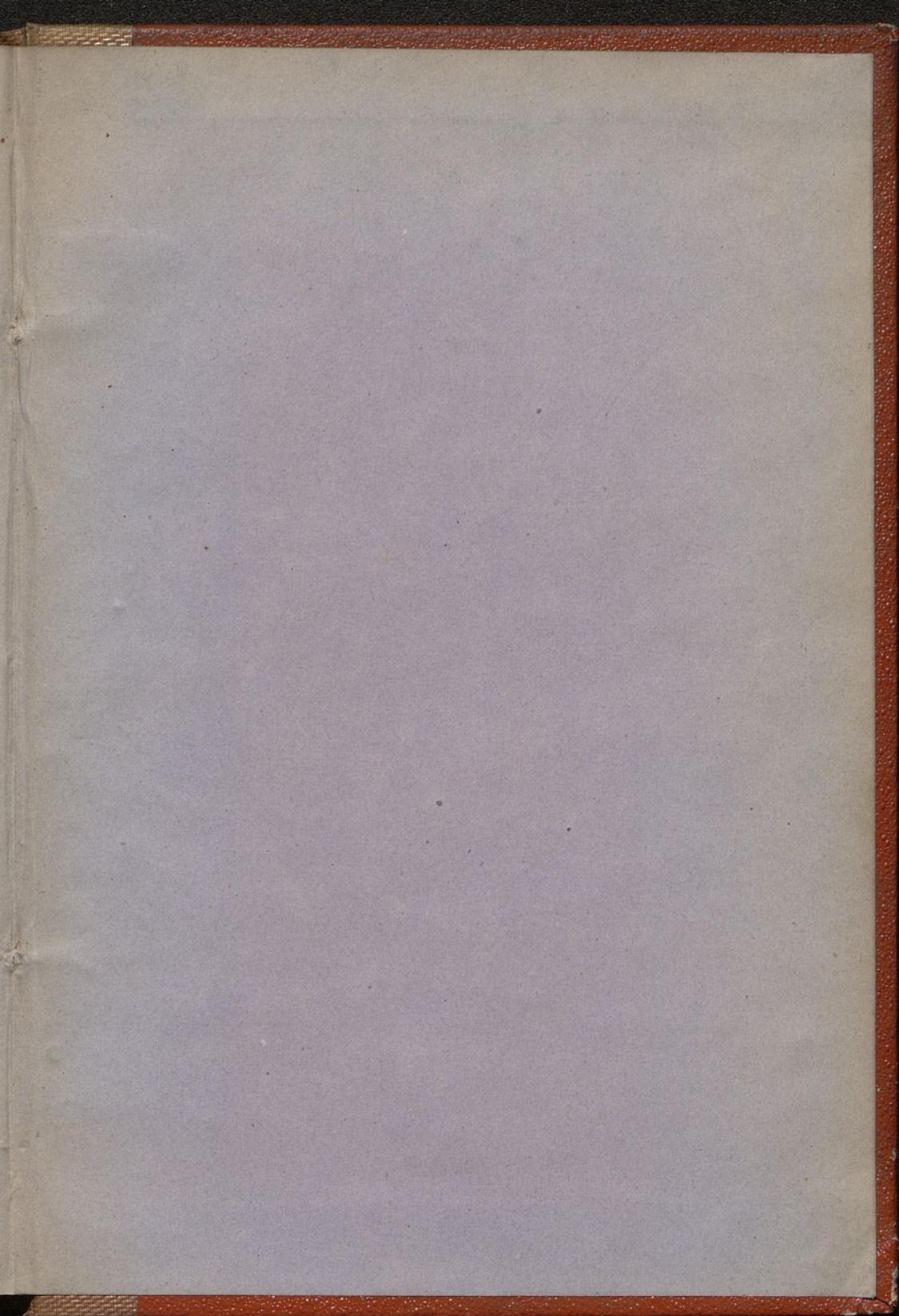
Rio, Agosto de 1878.











53

53



